

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
 Rua de S. Paulo, 216

Quarta-feira 1 de fevereiro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 60 »
 Anuncios preço convencional

CENTENARIO DE GARRETT

4 de fevereiro de 1899



O caçador

(Do Romancero de Garrett)

O caçador foi á caça,
 A caça, como sohia;
 Os cães já leva caçados,
 O falcão perdido havia.
 Andando se lhe fez noite
 Por uma matta sombria;
 Arrimou-se a uma azinheira,
 A mais alta que alli via.
 Foi a levantar os olhos,
 Viu coisa de maravilha:
 No mais alto da ramada
 Uma donzella tam linda!
 Dos cabellos da cabeça
 A mesma arvore vestia;
 Da luz dos olhos tam viva
 Todo o bosque se allumia!

Alli falou a donzella;
 Já vereis o que dizia:
 — 'Não te assustes, cavalleiro,
 Não tenhas tamanha frima.
 Sou filha de um rei c'roado,
 De uma bemdita rainha.
 Sete fadas me fadaram,
 Nos braços de mi' madrinha,
 Que estivesse aqui sete annos,
 Sete annos e mais um dia;
 Hoje se acabam n-os annos,
 Amanhan se conta o dia.
 Leva-me, por Deus t'o peço,
 Leva em tua companhia.'
 — 'Espera-me aqui, donzella —
 Té amanhan, que é o dia;
 Que eu vou a tomar conselho,
 Conselho com minha tia.'
 Responde agora a donzella —
 Que bem que lhe respondia!
 — 'Oh, mal haja o cavalleiro,
 Que não teve cortezia:
 Deixa a menina no souto,
 Sem lhe fazer companhia!

Ella ficou no seu ramo,
 Elle foi-se a ter co'a tia...
 Já voltava o cavalleiro
 Apenas que rompe o dia;
 Corre por toda essa matta,
 A enzinha não descobria.
 Vai correndo e vai chamando;
 Donzella não respondia:
 Deitou os olhos ao longe,
 Viu tanta cavallaria,
 De senhores e fidalgos
 Muito grande tropelia.
 Levavam n-a linda infanta,
 Que era já contado o dia!
 O triste do cavalleiro
 Por morto no chão cahia;
 Mas já tornava aos sentidos
 E a mão á espada mettia:
 — 'Oh, quem perdeu o que eu perco —
 Grande penar merecia!
 Justiça faço em mim mesmo,
 E aqui me acabo co'a vida.



No Centenario de Garrett

*Singular genio o teu genio,
Que de quanto ha mais singelo,
Num sopro de encanto magico,
Creou quanto ha de mais bello!*

*Nunca tiveste tam fulgido
— Tendo gloria em toda a parte —
O sol que illumina os marmores,
Como neste templo d'arte!*

*Que nem os assombros d'Eschylo
Te sobrelevam, no instante
Em que a moderna tragedia
Sae do teu pulso gigante!*

*Cravejaste em oiro as perolas
Dos annaes de Portugal,
No teu summo gosto artistico,
Cinzelador sem rival!*

*Sempre, nos teus traços unicos,
D'un estylo peregrino,
Portuguez no sabor patrio...
Bem te chamaram divino!...*

*Em tudo a graça e a elegancia,
Que se não pode imitar...
Até nas turbidas lagrimas
Com que nos fazes chorar!*

*Na genial eloquencia,
Ora profundo, ora acerbo;
E no arredado do espirito;
Que gentilisa em teu verbo!*

*Não te faltaram os émulos,
Nas investidas violentas;
Mas surgiste sempre incólume
Das batalhas mais cruentas!*

*Na tribuna eram relampagos,
Pasma do proprio vencido!
Um encanto as phrases intimas,
No esmalte do colorido!*

*No matiz do nosso lãbaro,
Luzeiro de tantos mares,
E' motto, em magas estancias,
A letra dos teus cantares!*

*O poeta, quando ingenito,
Tem n'alma o poder sagrado
De accender a estrella rutila,
E de abrir a flor no prado!*

*Sobre ti correu um seculo...
Que importa, se tens agora,
Depois de um occaso esplendido,
Sobre o-teu berço uma aurora!*

BULHÃO PATO

GARRETT

*Do nome de Garrett ninguem separa
Os nomes d'Herculano e de Castilho.
Tres engenhos da mesma essencia rara,
Tres estrellas, talvez do mesmo brilho!*

*Porem, se a nenhum d'elles foi avara
A mão, que os despediu no mesmo trilha,
Ao primeiro dos tres, sorriu preclara
A mãe do amor, como a dilecto filho!*

*Preferindo-o, na fulgida trindade,
Quiz a Deusa dotar-o; e assim, gentil,
Sem quebra da immortal virilidade.*

*Deu-lhe as graças de um genio feminil.
Por isso, o nome d'elle é Mocidade,
E n'elle canta, eternamente, Abril!*

11

*Hoje, habita na olympica morada,
Onde tudo o que é bello vive e mora,
Circundando-lhe a alma delicada
A luz purpurea d'uma eterna aurora.*

*E, ali, cada mulher por elle amada,
Cada visão, que os livros seus inflora,
De rosas e jasmims lhe junca a estrada
Na qual fenece todo o espinho agora.*

*Ali, na summa estancia appetecida,
Das suas azas brancas no fulgor,
Já liberto da terra, achou guarida,*

*O Vate divinal, o Encantador!
Aquelle que deixou correr a vida,
Sorbendo os philtros perennaes do amor.*

FERNANDES COSTA

Nascimento do poeta

O homem que se chamou João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett e foi o mais nacional de todos os poetas portuguezes, depois de Camões, nasceu na cidade do Porto a 4 de fevereiro de 1799. A casa, onde teve logar tão glorioso successo, está situada na rua do Calvario, e tem hoje (1881) os numeros 37, 39 e 41. E' o sétimo predio, á direita, descendo do passeio publico da Cordoaria. Tem tres janellas de frente, tres andares e uma agua-furtada. As janellas do primeiro andar são de peitoril; as dos outros dois de sacada, com varandas de ferro.

No anno de 1864 tapou-se, a pedra e cal, a janella do centro, no primeiro andar, e a camara municipal do Porto collocou ali uma lapide commemorativa do nascimento do poeta. Infelizmente, na secretaria do Municipio da cidade invicta «ignora-se o dia preciso da sua collocação», por isso não posso eu dizê-lo.

A inscrição reza assim :

CASA ONDE NASCEU
AOS 4 DE FEVEREIRO DO ANNO DE 1799
JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO DE ALMEIDA
GARRETT

MANDOU GRAVAR EM RECORDAÇÃO DO GRANDE POETA
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE EM 1864

Memorias de Garrett. — Gomes de Amorim.

GARRETT

Hospede de Herculano

De Sob os cypristes de Bulhão Pato

Um dia de manhã a governanta, colossal nas fórmas, mas expedita e intelligente no seu lavor domestico, entrou no quarto e, entregando uma carta, disse :

— «Veiu trazel-a agora um creado do sr. Garrett.»

O dono da casa interrompeu o trabalho e abriu a carta.

Era longa.

No fim da leitura voltou-se para mim, com ar presenteiro, e disse-me :

— «Uma boa nova ; o Garrett vem passar o resto da primavera e o verão connosco.»

Viver com o grande poeta debaixo dos mesmos tectos, aprecial-o no trato intimo, ouvir-lhe, da propria boca, os episodios da sua vida tão aventureira, tão cortada de lances notaveis, era o maximo a que podia aspirar a minha imaginação juvenil e ardentemente impressionavel por tudo quanto era litterario.

Preparou-se para o nosso hospede o quarto mais amplo e mais commodo que havia no eremiterio.

Garrett mandou o seu sacco de noite, uma pasta com manuscritos, e o estojo de toilette, peça esta que, á primeira vista, podia parecer uma caixa de instrumentos cirurgicos e juntamente uma botica portatil : tal era a quantidade de ferros cortantes em fórma de canivetes, escalpelos e bisturis ; as tesoiras de todas as dimensões, as pinças, as esponjas de todos os tamanhos, e a enorme quantidade de frascos, que encerravam finissimas essencias,

combinadas pelos mais imaginosos perfumistas de Londres e Paris !

O dono da casa, vendo o estojo aberto deante do espelho, contemplou-o, como eu contemplava as notas, isto é, com os olhos arregalados de pasmo, e, passados alguns momentos, voltando-se para mim, disse com ar solemne :

— «Ora veja o meu amigo de quantas cousas pôde precisar um homem n'este mundo !»

O auctor do «Fr. Luiz de Sousa» veio para a Ajuda.

Entravam os primeiros dias de maio.

O dono da casa dera liberdade plena aos seus hospedes, para que os seus hospedes lh'a deixassem a elle tambem. Levantava-se ás mesmas horas, almoçava e sentava-se á mesa do trabalho, como de ordinario.

Garrett preguiçava, mas aquellas horas de preguiça eram como as de Byron. De quando em quando, do *dolce far niente*, que os italianos entendem por fazer aquillo de que se gosta, saía uma flôr delicada e perfumadissima, que iria enlaçar-se na graciosa grinalda das *Folhas Caidas*. Garrett, n'essa época, estava na força da vida, tinha quarenta e oito annos, mas havia muito que lhe chamavam velho !

Como os poetas tem de ser calunniados em tudo, a elle até o calunniavam na idade, e auctorisavam a calunnia com o longo catalogo das suas obras.

Não se lembravam de que o cantor de D. Branca, como o cantor de Leandro e Hero, balbuciara ainda na infancia a lingua sonora dos immortaes !

As tardes discorriamos, com o dono da casa, pelo aprasivel Valle das Romeiras, onde Rebello da Silva passava uma temporada com Julio Caldas, e, augmentada a romagem com mais dois companheiros, alargavamos, não raro, o passeio até ás proximidades de Carnaxide e Linda a Pastora.

Se eu fosse stenographo e houvesse transcripto as conversações dos tres, que escutava em silencio, durante aquellas tardes, em vez d'estas paginas incolores teria o leitor o livro mais elegante, mais espirituoso, mais variado e original da litteratura portugueza !

Foi em um d'esses passeios que Almeida Garrett delineou uma viagem monumental.

O plano era o seguinte :

Comprar-se um macho possante, para transportar bagagem e barraca de campanha.

O auctor do *Monge de Cister* daria tres ou quatro mezes de férias á *Historia de Portugal*.

Rebello da Silva acompanhava.

Correriamos a Beira, o Minho, e Trazos-Montes a pé, e a pequenas jornadas.

Os tres escreveriam um livro. Na propria phrase de Garrett :

— Far-se-ha chronica de quanto virmos e ouvirmos.

A viagem não se realisou, principalmente, pelo aspecto que foram tomando as cousas politicas.

Que bella chronica, que sumptuoso livro perdeu Portugal !

Na vida intima

O conversador

As horas passavam-se com voluptuosidade indescrível, ouvindo discorrer o visconde de Almeida Garrett sobre os lances da sua vida. Eram notas intimas, a proposito de muitos versos e muitas paginas de prosa !... Commentarios adora-

veis... feitos com o melhor das recordações juvenis!

Aquellas inglezas, que apparecem nas «Viagens», aquellas tres irmãs, que todas tinham amado tanto d'alma o singular academico, não eram apenas uma ficção do poeta. Haviam existido; tinha-as elle admirado entre as brumas da Inglaterra, graciosas como as virgens de Ossian.

Uma d'ellas, a arrebatada Georgina, fez delirios pelo emigrado portuguez, e acabou por fim n'um convento, não podendo vencer a primeira e ultima paixão da sua vida!

Aquella menina de «olhos verdes», como duas esmeraldas das mais finas aguas, tambem não era um mero capricho da imaginação.

Pela primeira vez a viu o poeta, n'um dia de Corpo de Deus — e esteve na casa onde ella estava, e o dia e a noite correram como por encanto!

Subita, mas violenta e irresistivel, foi a impressão que ella sentiu pelo homem, que mais para deante havia de perpetuar-lhe o nome...

Na verdade, as mulheres, mas sobre tudo as mulheres extremamente vaidosas, não deviam amar senão os grandes homens.

Só elles têm o poder de as legar á posteridade com o prestigio da formosura, radiantes, luminosas, coroadas com as rosas da primavera eterna!

Estes commentarios de Garrett aos seus versos, e ás suas prosas apaixonadas, não tinham preço!

E quando o assumpto variava, e se punha a pintar os homens e as cousas do seu tempo!...

Ironia tão fina e, ás vezes, tão cruel, nunca a conheci em ninguem!

Não usava d'ella senão a tempo e a horas, quando o provocava alguma inchada vaidade, ou algum prepotente se atrevia a embarçar-lhe o caminho.

Então era ferino... E assim é que tremiam d'elle!

A proposito da agudeza dos seus ditos, que eram innumerados, citarei um.

Certo ministro, que tinha, entre muitas vaidades, a vaidade de falar com grande apuro a lingua, levava o fatuo exagero, ou antes a crassa ignorancia, a pronunciar, por exemplo, a letra — g — na palavra augmentar.

Garrett dizia:

— Cuidado com elle. Sempre é homenzinho que até faz falar as mudas!

Na Tribuna

A replica a Antonio da Cunha Sotto Maior

Tinha-se constituído o partido regenerador. Chegava essa época, que teve prós e teve contras, que deixou resultados graves, mas que foi uma época de grande ardor e entusiasmo politico.

Inauguravam-se os caminhos de ferro; fundiam-se os partidos; parecia resurgir uma aurora ridentissima para Portugal: os principaes homens de diversos motos e legendas politicas haviam-se destacado para serem obreiros naquella situação de lavor e de vida, que tinha os movimentos accelerados da faina maritima.

Rasgavam-se horizontes, como se dizia então, e rasgou-se tanto, que um nadinha mais, e estava tudo reduzido a farrapos!

Mas... abriram-se as camaras. Garrett estava no banco dos ministros.

Um deputado, um orador vehementissimo, cheio de fogo, admiravel na audacia, prompto na replica, e agudo no epigramma, primoroso nos chistes e donai-

res, jornalista celebre, grande elegante, e grande original, que disse na tribuna, falando de si proprio: Gastei num dia o patrimonio de vinte familias; fui rei; gosei á minha moda!... Este orador, este jornalista, este grande elegante, feriu Garrett e feriu despidadamente.

Não faltou quem murmurasse:

— O poeta está cansado, está velho, e não tira a desforra!

José Estevão respondia:

— Cuidado com elle. Eu conheço-o; já lhe provei as mãos. E temivel!

No dia seguinte appareceu o visconde de Almeida Garrett.

Casaca verde bronze, com botões de metal amarello, recortado sobre o veludo verde; collete branco, de grandes bandas; collete deslumbrante; calça côr de flôr de alecrim; camisa finissima, a tira e os punhos encanudados, gravata de côres lúbricas; luvas côr de palha.

José Estevão não o perdia de vista.

Garrett pediu a palavra, e levantando-se com a solemnidade de um semi-deus, — ah! caso assombroso! — em contraste com o raro e apurado no trajo, sacou da algibeira uma monstruosa caixa de rapé!

José Estevão, agitando a cabeça leonina, disse para os que lhe ficavam em volta:

— Tremei, ó povos de Israel; o *divino* trouxe a caixa das execuções!

E foi uma execução pavorosa!

A violencia começava no gesto, e fa successivamente crescendo na voz, no epitheto e na idéa!

Allusões ferinas, ironia cruel, desdeo profundo, tudo se epilgava nos periodos redondos e soberbos da sua magna eloquencia!

Os espectadores, como os espectadores do circo romano em certas circumstancias, desejavam erguer o pollegar, implorando ao gladiador triumphante a vida do adversario abatido!

BULHÃO PATO.

Os ultimos dias do poeta

Das Memorias de Garrett

Aggravando-se as dores do peito e lados, propoz Barral que se lhe deitassem vesicatorios, com que ficaria alliviado. Tentei oppor-me, para lhe evitar esse inutil tormento; mas, não osando revelar o parecer de Pulido, que era para mim indiscutivel, cedi. Pozeram-se primeiros, segundos e terceiros... Uma judiaria atroz! Iam-lhe inchando os pés, e perdendo o calor. Renovavam-se, com pequenos intervallos, as botijas de agua quente, e fricções secas. Por fim, era elle que pedia mais causticos, persuadido sempre que as melhoras viriam com os ultimos! Quando lhe perguntavam se estava melhor, respondia gracejando. De uma das vezes disse:

— Estou quasi como S. Lourenço! Não me resta por queimar senão esta costella direita, que deve ser a que tenho do meu parente S. Gonçalo de Amarante!

E entrou a discorrer sobre este thema, com inimitavel graça. Apesar de profundamente condoidos do seu estado, não podiamos deixar de rir, ouvindo-o. Muitas vezes, quando elle tentava alegrar-nos, sentia-me eu entristecer quasi até ás lagrimas, contemplando-lhe as nobres feições contrahidas pela dor, ao passo que na bôca lhe brincava o sorriso da ironia, e lhe resplandecia nos olhos a vivacidade da juventude! Ora lhe cortava a facecia alguma dor mais forte, ora entremeava com bons ditos os gemidos e tregeitos! Espectaculo unico, tão indelevelmente gravado na minha memoria, que o tempo não poderá

jámais apagal-o d'ali! A graça corria-lhe dos labios, como de fonte natural e perenne. Gonçalves e eu trocavamos frequentes olhares, em que nos perguntavamos se realmente iria morrer esse homem incomparavel! De algumas occasiões nos persuadimos que elle não contava acabar ainda d'aquella doença; em outras, custava-nos a crer que ignorasse o seu verdadeiro estado, sobretudo depois que principiou a inchação dos pés e das pernas. Manteve até ao fim tal força de animo e vontade, tão singular presença de espirito, de mistura com as mais vivas e profundas crenças religiosas, que eu não ousou afirmar se esperou o termo da existencia, sem temor da morte, ou se a julgava muito longe ainda. Uma unica vez se referiu a isso, dizendo-me, depois de um ataque violento:

— Se eu morrer, vejam o que tenho cá por dentro a roer-me.

Desejo de penetrar-lhe os secretos escaninhos da alma, frequentemente o espreitei e surpreendi absorto em pensamentos, que lhe punham no rosto nuvens de melancolia. Nesses instantes só a presença da filha, ou a minha, o chamavam á realidade d'este mundo.

Nos dias ventosos, assaltava-o a tristeza, e desconcertavam-se-lhe os nervos. Os nevoeiros pesavam-lhe. O ruido da chuva exercia singular influencia nas recordações da sua infancia, trazendo-lhe á memoria, com pungentes saudades, a imagem dos que amara. Comtudo, até nessas horas lhe era impossivel encobrir as scintillações do espirito!

Para attenuar, quanto pudesse ser, os maus effeitos das variações atmosfericas, estava o fogão da livraria acceso de dia e de noite, por ordem do medico. Apesar d'isso, a temperatura do quarto não podia ser tão equal como convinha; e o seu corpo accusava todas as alterações d'ella, com a regularidade do melhor thermometro. Cada vez que as lufadas do vento rugiam na fresta, exclamava, conchegando as bandas do casaco de flanela sobre o peito:

— Como elle zôa na carvalheira! Cá me dizem os nervos, que vae tudo raso lá fora!

«Zoar na carvalheira» era phrase mi-nhota, em seguida á qual enfiava sempre alguma anecdota a proposito. Quando Gonçalves entrava, ás noites, encetava discussão comigo, servindo-lhe de pretexto qualquer palavra: tomavamos calor, sem grande esforço, gritando, gesticulando, jogando chufas e epigrammas, como dois navios descarregando ao mesmo tempos suas baterias. Faziamos isto para distrahir o enfermo, que gostava d'estes exercicios. Elle, porém, não se contentava com ouvir: tomava parte na bulha, a favor de Gonçalves, ajudando-o a bater-me, circumstancia que me lisonjeava, por ser prova de maior confiança comigo.

Noutras occasiões, lia-lhe sua filha ou eu. Uma noite recitei-lhe *Ave, Cesar*, de Mendes Leal. Affirmou que não se lembrava d'esta composição bellissima; e tanto gostou de ouvi-la, que m'a fez repetir. Concedou ser das melhores do auctor, elogiando muito este, dizendo que era um talento de primeira ordem e que se desvanecia de o ter assim classificado, no Conservatorio, quando leu ali os seus primeiros dramas.

Em seguida, mandou a filha buscar as *Flores sem fructo*; disse-lhe que procurasse a peça intitulada *As minhas azas*, e quiz que eu a lésse.

— E' uma composiçõesinha simples, mas que todavia me não parece inteiramente

destituída de tal ou qual valia . . . Ora leia, seu poeta; leia isso com consciencia.

Gonçalves entrara e acabava de sentar-se entre mim e D. Maria Adelaide. João virou-se para elle, fazendo tregeitos com as dores:

— Faça favor de fiscalisar se o illustre preopinante mantem a devida generosidade, ou se, por ser official do meu officio, come por ahí alguma coisa. . .

Bem quizera pôr aqui essas admiraveis estrophes; mas falta-me o espaço. Ellas foram a última poesia que lhe li ou recitei, os derradeiros élos da cadeia que prendia o seu coração ao mundo.

A morte

Os esforços do enfermo afluíram; e de seus labios saíram estas palavras, proferidas com voz ainda clara, mas com inflexão tão extraordinaria para ouvidos humanos, que se me gelou o sangue:

— Eu já o não vejo!

Reapertou-me brandamente as mãos, largou-as, e fechou os olhos.

Semilouco de dôr, corri para fora, gritando a Gonçalves que accudisse. Ao mesmo tempo soltou o muribundo tres ais seguidos, o primeiro maior e os outros a diminuir. Voltei ao quarto, e amparei-o nos braços, tremendo eu mais do que elle; ouvi-o exhalar um suspiro — foi o ultimo! e vi-o cahir para traz, sem o menor signal d'agonia. Era evidente que o recebera no seio a Misericordia infinita.

Gonçalves trouxe agua quasi a ferver, borrifou-lhe os pulsos, e disse-mê que mandasse chamar o prior. Apesar de ser isso inutil, o meu estado não me permittiu reflectir, e resolvi ir eu proprio buscá-lo. Ao sair da saleta, encontrei D. Maria Adelaide, que, advertida pelos nossos gritos, corria, suffocada em choro. Pareceu-me crueldade consentir-lhe que entrasse. O pae, que tanto a amára, não podia já abençoal-a. Chamei a creada, e entreguei-lh'a. Descendo a escada em tres pulos, occorreu-me, já na rua, que seria absurdo querer dar a extrema unção a um morto. Gonçalves,

que pensara o mesmo, chamava-me da janella. N'este comenos chegou Barral e subio comigo.

Não tinham decorrido minutos, apoz o ultimo ai do poeta. O sabio medico pôz o ouvido sobre esse nobre coração, que cessara de palpar; pediu um espelho e aproximou-o d'aquelles labios, quentes ainda, mas onde emmudecera para sempre a voz do archanjo do amor e da musa da eloquencia; e, findo o exame, declarou que tudo estava consummado.

Eram seis horas e vinte e cinco minutos da tarde de sabbado, nove de dezembro de mil oitocentos cincoenta e quatro, quando a alma do que fôra João Baptista de Almeida Garrett voou ao seio do seu Creador, deixando immortal na terra o nome d'aquelle que, por espaço de cincoenta e cinco annos, dez mezes e cinco dias, vivêra animado por ella.

GOMES D'AMORIM.

DOS = CINCO SENTIDOS

Fac-simile — extrahido das Memorias de Garrett

ver
São bellas, ^{ver} bem o sei, essas estrellas;
Mil côres — divinas tem effeis floes;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti . . . a ti!

ouvir
Divina — ai, sim será a voz que affina
Sombrosa — na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do roupinol que trina
Não ouço a melodia;
Nem sinto outra harmonia.
Senão a ti . . . a ti!

No cemiterio

Discurso de Rebello da Silva

Senhores. — A purpura do genio, ferida pelo braço do Eterno, provou o nada das grandezas humanas! Disse-nos, como todas as realzas, que só Deus é grande!

Eil-o prostrado, o gigante do seculo; e, na derradeira hora, espirito sublime, apertou ao peito a sua cruz, e soltou do mundo a grande alma!

A fé precedeu-o, illuminando as sombras da eternidade; e, sem ostentação, fiel ás crencas intimas, a urna recebeu as cin-

zas, a immortalidade perpetuou o engenho!

Doloroso espectáculo este, que nos reúne aqui em volta do fêretro de um grande poeta, tão grande nos cantos como na morte! Oh! não são fingidos os prantos que orvalham o tumulo. Não. As pompas do mundo, cortejo da fortuna, as illusões da vaidade, expiram á beira da sepultura; e, de tudo quanto o mundo vale e quanto o mundo pode, resta hoje por epitaphio só uma data — a do luto nacional, que inscrevemos. E basta!

Não vêdes este sol esplendido, que se

levanta sobre as nossas frentes, brilhante como o amor da patria na sua alma, e fúlgido como a grande imagem da sua gloria? E' o sol da posteridade; é o sol dos tumulos; é o sol que doira a fama de Camões em tres seculos de saudade inextinguivel!

Facto unico! Empreza arrojada, que só um commetteu com exito! Celebrando na lyra magica o auctor dos *Lusiadas*, a posteridade, indecisa, não sabe qual segou a maior palma — se o cantado, se o cantor!

O vulto, que abriu este seculo, é já nessas sombras estatua. Hontem homem

hoje saudade, amanhã gloria — os raios da sua luz illuminam, do sepulchro, a era que de novo creou as nossas letras! *D. Branca, Camões, Adosinda, Frei Luiz de Sousa*, o poema moderno, a elegia d'alma, o drama tragico, rival da Thalia antiga, e o livro das *Viagens*, essa conversação espirituosa, tão viva, tão variada, tão profunda... como aquella que lhe ouvirmos os privilegiados que, no trato familiar da sua amena intimidade, aprenderam a conhecer o homem sempre superior, cujo coração, mesmo não podendo com a vida, entre os véus da morte, alçando o espirito, lançava sobre todos os assumptos a claridade do genio, que Deus só dispensa aos seus eleitos — todo este complexo de obras, uma litteratura inteira, formam os élos d'essa admiravel cadeia, cuja extremidade vemos agora sumida na penumbra da campa, semi-aberta!

Que vos direi da vida d'este homem? Não é para aqui entrar na descripção d'ella. Soldado fiel, atravessou as tempestades, e morreu abraçado á sua bandeira. Foi um coração como, depois de Camões, não viu Portugal! Quanto elle sentia e chorava o passado! quanto amou o presente! quanto desejou o futuro! Todas as lagrimas de uma grande alma, todas as aspirações de um grande espirito, vivem n'essas paginas, que já agora são eternas!

É por isso que n'este doloroso concurso todas as classes se reúnem no mesmo pezar!

Quem diria, ha poucos mezes, colhendo a derradeira manifestação da sua lyra, as *Folhas caídas*, que ellas seriam verdadeiramente ultimas flores, desfolhadas e soltas, do grande genio, flores tão frescas, tão viçosas como as dos primeiros dias da juventude? Quem suppria que taes flores formariam a grinalda derradeira do sepulchro? Deus perdoe aquelles que só tiraram d'ellas os espinhos do martyrio, para lh'os cravar no coração! Deus perdoe a esses, como elle lhes perdoou na hora extrema.

E que importa? Eil-os juntos e inclinados deante de uma campa fria, os legisladores, os estadistas, os soldados endurecidos nas guerras, a gloria das armas, a gloria da toga, a gloria das letras, essa nobre geração, filha d'este seculo, de que eu sou voz, e cuja homenagem final prestamos perante a sombra do mestre.

Estas portas fecharam-se sobre o visconde de Almeida Garrett: a humanidade despiu aqui na cinza os véus da carne. Não é ao nobre, não é ao ministro d'estado, não é ao embaixador, que se curvam respeitadas as fronteiras. Mais alta gloria nos avassalla em preito ao que foi. Em Camões tambem morreu o homem, para brilhar o nome: com elle pereceram as paixões. No cantor do grande poeta o titulo acabou, para principiar a gloria. Aqui jaz o visconde de Almeida Garrett: ali, aos raios d'esse astro glorioso, vive João Baptista de Almeida Garrett!

Nestas occasiões do silencio e as lagrimas dizem tudo. Inclinem-nos. A patria, que elle amou tanto, não desherdará o amor da sua alma. Confieemos. Os seus ossos, como os do vate do Adamastor, não clamarão de balde por um monumento. Adopte a patria o que ficou d'elle, e a nação poderá dizer: — Sou digna da herança!

Camões e Garrett

Camões aviva a recordação das chronicas fidalgas, e dos fidalgos romances de cavallaria; Garrett collige preciosamente a chronica oral e poetica do povo, e en-

trelaça, no *Romanceiro*, a flôr melancolica da xacara com a ridente flôr da cantiga descuidosa; da grande época de D. João I lembra Camões a tradição dos *Dose d'Inglaterra*; Garrett a do *Alfageme de Santavem*; Camões dá a sanção da poesia á lenda monastica d'Ourique; aproveita Garrett, no *Arco de Sant'Anna*, a tradição do bispo açoitado por D. Pedro. Por isso estes dois grandes vultos representam as duas grandes phases da historia portugueza, a phase aristocratica e a phase democratica; a do passado fidalgo, que teve um rapido sol, que se afogou em sanguineo occaso, o da gloria; a do futuro popular, que tem no horizonte um sol immorredoiro, o da liberdade!

Por isso essas duas figuras são na litteratura a fiel expressão da nacionalidade portugueza. Em torno da estatua de Camões parece que adejam, com azas d'oiro, esses vultos sublimes dos cavalleiros aventurosos, que iam, mar em fora, fieis á patria e ao rei, conquistar para a corôa novos flôres, para a patria novos esplendores, para a civilisação novos mundos. Em torno do busto de Garrett adejam tambem outros vultos, que elle tirou da sombra, e a que deu vida immorttal: o rude alfageme, Gil Vicente, o homem do povo que erguia no paço dos reis a voz audaciosa, e os grandes poetas e os grandes prosa-iores, Camões e fr. Luiz de Sousa, esses gloriosos nomes com que Portugal hoje mais se honra do que se honrava outr'ora com os seus bravos cavalleiros. Se Camões enfeixou no seu poema grandioso, mau grado ás regras da epopéa, todas as glorias portuguezas, não houve tambem grande época da nossa historia que Almeida Garrett não trouxesse á luz do proscenio: pintou no *Alfageme* a época brilhante de D. João I, no *Auto de Gil Vicente* a esplendida quadra de D. Manuel, em D. *Filippa de Vilhena* a reivindicacão da independencia, na *Sobrinha do marquez* a aurora da civilisação, que doira a fronte pensativa do marquez de Pombal. Não houve tambem provincia da arte em que elle não estampasse o cunho da sua gigante individualidade. O drama portuguez creou-o elle, o poema romantico a elle deveu tambem as suas cartas de naturalisação; passando no campo do lyrisimo, deixou n'elle grinaldas primorosas e rescentes; entrando no romance, traçou os admiraveis capitulos do *Arco de Sant'Anna*; *firtando*, como elle diria n'um dos seus graciosos anglicismos, pelos jardins do humorismo, escreveu as immortaes *Viagens na minha terra*. E, depois de ter percorrido, em tres passos, as regiões da arte, adormeceu no tumulto, esperando a apothose!

PINHEIRO CHAGAS.

Viagens na minha terra

HA na bibliographia portugueza do seculo XIX um livro, que basta só por si para illustrar um nome, e uma litteratura. Obra original, unica, como originaes e unicas foram, na sociedade portugueza contemporanea, a individualidade e as faculdades superiores do seu auctor, esse livro traz em todas as paginas a data da época em que foi escripto: respira todo elle a palavra viva e colorida do eminente poeta que o assigna; e tem, desde a primeira até á ultima das suas phrases, o mais accentuado cunho do povo em cuja lingua foi escripto. E' europeu, é moderno, e é portuguez: chama-se *Viagens na minha terra*.

De dentro das suas paginas, ligeiras e brilhantes, saem uns rumores longinquos do passado, e parece-nos escutar tambem, d'envolta com elles, os echos proximos dos salões elegantes de Lisboa, de Paris e de Londres.

D'alli surgem, como nas velhas lendas de palacios encantados, donosas figuras de castellas apaixonadas e trahidas, imagens épicas de guerreiros heroicos, e ouvimos contar, ao pé do fogão, ou vendo crepitar a lareira, historias d'outros tempos, aventuras e lances de amores tragicos e infelizes.

D'essa leitura fica-nos no espirito como uma visão enorme e phantastica de infinitas perspectivas, de innumerables quadros de multiformes aspectos; poeticos e ridentes uns, grandiosos e terriveis outros. Aqui o idyllio, além a batalha. Aqui uma melodia de Rossini, um nocturno de Chopin, uma ballada escossez; alli o perfil aerio e ossianico d'uma loira miss, perdida no vago imaginar do *sweet love*, e deixando correr nas cordas da harpa, ou no teclado do piano, a mão longa, branca e assetinada; além, mais longe, o fuzillar das descargas, rasgando as nuvens de fumo, o troar da artilheria, o trépido rufar do tambor, o resoar agudo das trombetas, os brados da victoria!

Por vezes, no incessante cambiar das scenas, imaginamos ouvir o tinir das armas, o tropear dos cavallos, as vozes roucas dos peões e cavalleiros d'outras eras... São elles. Lá vae a peonagem, os bésteiros, e os archeiros inglezes, Nuno Alvares, e o Mestre de Aviz, e o Mem Rodrigues com a sua Ala dos Namorados... Dá-lhes o sol nas polidas armaduras, que repelem os seus raios, como d'ahi a pouco hão de repelir as frechas dos bésteiros castelhanos. Lá vam para a batalha... Passaram... Sumiram-se.

Depois, a um aceno da vara magica do evocador, transforma-se o theatro. As torres e muralhas gothicas dos castellos senhoriaes, as agulhas, as ogivas e as vidraças da Batalha, os bésteiros do conto, os procuradores do povo, os ferreos barões de Aljubarrota e dos Atoleiros, o Nuno féro, o Mestre d'Aviz, desappareceram, e aos heroes de Fernam Lopes succedem-se os semi-deuses de Camões!

Tremulam no Tejo os brancos pavilhões, as bandeiras e galhardetes das esquadras da Africa, da America e da India; na praia do Rastello já campeia Santa Maria de Belem, e os netos dos fidalgos de D. João I, de volta da India, assignalados de cicatrizes, e trajando os ricos estofos da Asia, assistem nas salas e camarins da regia Alcaçova de D. Manuel e de D. João III, aos sarava da côrte e aos autos de Gil Vicente.

Agora é o grande marquez, que nos apparece nos Elyseos, jogando o *whist* com o barão de Bidefeld, o imperador Leopoldo e o poeta Antonio Diniz, o do *Hyssope*.

E neste decorrer de mutações chegamos aos tempos modernos, á vida contemporanea, e vemos em scena outros barões... Não os assignalados; não os que vestiam o duro arnez, não os de ferro, como os que se libertaram da lei da morte com acções de valor; mas os barões do oiro, os do papel, feitos e creados no segundo quartel do seculo XIX, em Lisboa, na rua dos Capellistas, com grandes acções de... companhias!

Isto, e muito mais, que nos desperta no espirito a leitura da obra de Garrett, não está lá tudo escripto, decerto; mas os personagens e as scenas vão seguindo, desenhando-se, crescendo, e avultando na tela

da nossa imaginação, ao som da palavra mágica do sublime poeta.

Um livro primoroso e encantador, este das *Viagens*. Collaboraram nelle a historia, as lendas e as tradições cavalleirosas da idade-media; e a archeologia nacional alli teve tambem por interprete e patrono um poeta, educado na escola de Walter Scott e de Victor Hugo, para quem as ruínas tinham uma voz eloquente, que elle entendia, e cujo sentido, repassado da intima poesia da saudade, nos transmittiu. Se as sociedades preteritas alli revivem, o poeta não se esqueceu comtudo de que a sua obra ficaria incompleta, se no meio das brilhantes imagens e das ruínas do passado não vissemos erguer-se alguma figura, que nos prendesse á realidade da vida moderna, e por isso elle dispoz entre os escombros da velha Santarem, como uma flor animada, dominando a antiga paizagem, aquella Joanninha, a *menina dos rouxinoes*.

Obra de poeta, de historiador, de archeologo, de politico, de artista, de corteção, e de soldado, pode-se dizer que as *Viagens na minha terra* foram inspiradas por todas as musas!

Ha annos um opulento bibliophilo, o sr. Mendes Monteiro, encarregou um distincto artista hespanhol—Henrique Casanova—de lhe illustrar com aguarelas uma preciosa copia que possui dos *Lusíadas*, devida á copia d'um dos nossos mais insignes calligraphos.

Eu, se fosse rico, mandava imprimir, em esplendida edição, as *Viagens*, e seria adornada com desenhos e aguarelas dos mais celebres pintores contemporaneos, portuguezes e estrangeiros,—que não faltam alli assumptos de todos os generos: Garrett esboçou naquellas pequeninas paginas, onde narra a sua digressão a Santarem, um quadro quasi completo da civilização e da historia da nossa terra.

Ha alli muito para inspirar o lapis e o pincel do artista:—o povo que edificou os monumentos, cujas ruínas o poeta contemplava, e os seus descendentes, os modernos vandalas, que os assolaram; os ricos homens da idade-media, os luzidos e altivos senhores do bom tempo das conquistas, e a moderna aristocracia democratica; os poderosos bispos e os monges dos opulentos mosteiros e abbadias—que tinham tudõ, e os tristes, e famelicos *egressos*, a quem não deixaram nada; as elegantes mundanas e os finos diplomatas; as vaporosas e sentimentaes *misses* britannicas, e as nossas vivas e petulantés morenas; os comicos e os parlamentos; a garnacha negra dos legistas, a opa roçagante dos magnates, a brilhante cotta d'armas dos cavalleiros, os habitos longos e esculpturales dos frades, o tabardo, e os grosseiros barretes e carapuças da arraya miuda; a architectura gothica e a manuelina, a Batalha e os Jeronymos; o Tejo, e o Oceano, e os povos e terras da Africa, da America, e do Oriente...

E esse livro, assim engrinaldado pelos mais famosos artistas da geração que lhe succedeu, seria, para a memoria do grande poeta, o tributo mais sympathico, e a mais completa homenagem que lhe podia prestar a arte, que elle tanto amou.

Mas quem se lembrou jámais de semelhante desperdício?

Variações sobre um thema conhecido— tinha eu escripto, no alto d'estas paginas, mas apaguei essas palavras: tinha-me en-

ganado. As aventuras de Rocambole, e os sujos e reles protagonistas de Zola, são muito mais populares e conhecidos do que os poemas e as prosas de Garrett, de Castilho e de Herculano. *Les morts vont vite*—diz a ballada, e nós podemos afirmar que é talvez a nossa terra a que mais cedo esquece os seus mortos illustres! Na religião do patriotismo litterario nacional há só um altar—é do santo do dia: para elle todas as offerendas, todos os sacrificios, todas as adorações. Mas, uma vez apeado do seu pedestal, ninguem mais se importa com elle, e atiram-n-o para um canto, onde jaz esquecido para sempre.

Os hespanhoes, os francezes, os inglezes, os italianos, os allemães, todos os povos que tem uma historia e uma litteratura, reimprimem constantemente, em edições de diversos preços, os seus poetas e prosadores, sem excepção, sem exclusão de épocas ou de escolas—os antigos e os modernos; os classicos e os romanticos; os profanos, os livres pensadores, e os mysticos; as historias officias, as chronicas, e as memorias, que uma testemunha, muitas vezes obscura no seu tempo, nos legou de factos por ella presenciados e para nós interessantes.

Não somos nós assim, e andamos afastados d'este trilho: de nós tomamos o menos possivel, de fóra aceitamos tudo! Podemos ter de nossa casa oiro de bons quillates, mas vam-se-nos os olhos cubicosos nas novidades scintillantes do *plaqué* estrangeiro!

Quando algum dos nossos gigantes baqueia faz-se-lhe em volta da sepultura um longo silencio, que poderia ser o testemunhõ do respeito, se não fosse, em muitos, a manifestação da inveja satisfeita e finalmente livre do colosso, cuja vista a affrontava.

Parece que ha incompatibilidade entre os grandes homens e os pequenos povos. São como um alto monte erguido no centro d'uma pequena planicie? Não tem esta o ponto perspectico distante, d'onde lhe possamos apreciar a belleza? Faltam as collinas e os cabeços, que façam a transição entre o cume da montanha e a rasa campina, que lhe jaz aos pés, e parece-nos então monstruoso e irregular o que em outras condições seria harmonico e magestoso ornato da paizagem?

Do rigoroso ostracismo, a que votámos os nossos mais eminentes e laureados escriptores, apenas elles desapareceram d'entre os vivos, só escapou Camões!...

A's vezes, pensando nestè duro esquecimento, e na feia ingratição e estúpida indifferença com que tratamos a memoria e as obras de tantos homens illustres, que noutros paizes seriam queridos e honrados, lembro-me d'aquellas terriveis e propheticas palavras, que Lopo Vaz de Sampaio dirigiu, na Índia, a Nuno da Cunha: «Eu prendi, vós me prendeis, outro virá que vos prenda!»

E' a pena de talião. Assim como fizeres acharás, e os que desprezam e esquecem hoje, serão amanhã tambem, a seu turno, desprezados e esquecidos.

.....
Escrevi isto ha doze annos.

Das obras do homem que conquistou as corôas maximas em todos os estádios, onde se apresentou; d'esse a quem os contemporaneos chamaram *divino*, e que foi grande em tudo, grande poeta, grande dramaturgo, grande prosador e grande orador; d'esses livros immortaes tenho deante de mim uma edição em tudo mesquinha! Uns voluminhos em mau papel, e, para maior aggravamento, cheios de *gralha*! E isto na terra em que os Ponson du Ter-

rail e os Montépin encontram editores generosos e hospitaleiros, que os vestem e honram com todos os primores da typographia e da gravura, em tiragens de muitos mil exemplares!

As obras de Garrett esperarão pois pela sua edição monumental, como os restos mortaes do altissimo poeta esperam pela condigna sepultura; como os que ainda o conheceram, e as modernas gerações, hão de esperar a estatua em que a arte nacional, pela mão d'um esculptor portuguez, preste a sua homenagem ao maior e ao mais genial artista de todos os grandes escriptores da nossa terra!

30—janeiro—99.

ZACHARIAS D'ÁÇA.

TIRO

Tiro nacional

COMPRAZ-NOS registar n'estas columnas o começo auspicioso da instrucção de tiro aos alumnos dos collegios de Lisboa.

No domingo, 15 do mez findo, tomaram a iniciativa de enviar alumnos á carreira, os mui dignos directores dos collegios: *Lyceu Polytechnico* e *Collegio Arriaga*.

Honra lhes seja, cumpriram um alto dever civico, digno de todo o louvor e digno de ser imitado.

O *Tiro Civil* regista, cheio de jubilo, nas suas columnas, este grande serviço prestado á educação nacional de tiro e á patria.

Nesse dia, em que, começa uma nova e promettedora phase da instrucção de tiro na carreira de Pedrouços, os alumnos que alli se apresentaram foram do *Lyceu Polytechnico*, em numero de sete:

José Antonio Bonito, 17 annos, natural de Lisboa. José Guerreiro Faleiro, 18 annos, natural de Mossamedes. Luiz Ledo Pontes, 15 annos, natural de Bissau. José Simões da Silva, 16 annos, natural de Torres Vedras. Augusto Celestino Ferreira Pinto Basto, 16 annos, natural de Silves. Francisco Lopes de Serra, 19 annos, natural do Dondo.

N'esse mesmo dia apresentaram-se na carreira os seguintes alumnos do *Collegio Arriaga*:

Evaristo A. Pedroso Stochler Brandão, 15 annos, natural de S. Thomé. João Carlos O' Neill, 15 annos, natural de Setubal. Alexandre Leite da Gama, 16 annos, natural da Ilha de S. Miguel. Theophilo Arruda, 15 annos, natural da ilha de S. Miguel. João Saraiva Pacheco, 17 annos, natural de Freixedas da Beira. Mauricio Portella de Aguiar, 15 annos, natural do Pará. Gualberto Moniz Vargas, 16 annos, natural da Ilha de S. Miguel. Pedro Augusto Machado, 15 annos, natural da Ilha de S. Miguel. Antonio Maria Froes, 15 annos, natural do Dombes Grande.

Todos estes alumnos receberam uma demorada e conscienciosa instrucção, por parte dos dois dignos officiaes que estavam em serviço, nos alvos n.^{os} 1 e 2, a 100 metros, os srs. tenente Sampaio e alferes Ferreira, fazendo cada alumno 5 tiros em cavalete. O resultado foi bom; 6 alumnos empregaram as 5 balas; 5 empregaram 4; 3 empregaram 3 e 2 empregaram 2. Os alumnos mostraram-se muito satisfeitos com os resultados obtidos.

No domingo 22 do mesmo mez, o grupo dos alumnos foi augmentado com mais 6, que se matricularam de novo, sendo do *Lyceu Polytechnico*:

Cesar Baptista Ferreira de Mello, 18 annos, natural de Mossamedes. Julio dos Santos Ribeiro, 16 annos, natural de Lisboa. Ivo Miguel de Almeida Tocha, 16 annos, natural de Lisboa. João Martins Garrido, 21 annos, natural de Loanda. Arthur Alberto Mousinho de Figueiredo, 16 annos, natural de Lisboa; e do *Collegio Arriaga*: Antonio Manuel Ribeiro Batalha, 16 annos, natural do Dombe Grande.

Todos tiveram instrução igual á do outro turno, que entrou na carreira no domingo antecedente, havendo 2 que empregaram as 5 balas; 2 empregaram 4, 1 empregou 1 e outro 0.

O primeiro turno, teve a segunda lição, que lhe foi dada pelos srs. tenente Raul Chagas e alferes Ferreira; fizeram 86 tiros, empregando 58 balas.

No domingo 29 estiveram na carreira recebendo instrução de tiro, que para a maior parte foi de pé, a braço e a 100 metros, com magnificas percentagens: 9 alumnos do Collegio Arriaga; matriculando-se mais o alumno Francisco Pulido Valente, de 15 annos, natural de Lisboa e do Lyceu Polytechnico, 8 alumnos; matriculando-se mais o alumno Pedro Antonio Borges Flores Junior, de 16 annos, natural de Lisboa.

Os jovens atiradores fizeram 132 tiros na importancia de 33300 réis, que foram pagos pelo cofre da *União*, como está estabelecido.

O sr. ministro das Obras Publicas accedeu ao pedido da commissão executiva, para que os alumnos da Real Casa Pia de Lisboa, maiores de 15 annos, recebam instrução de tiro na carreira, sendo os cartuchos fornecidos gratuitamente pela *União*, como se pratica com as outras escolas.

Vemos, felizmente, progredir a instrução de tiro nacional; compete ás corporações e a todos que o possam fazer, cumprir tambem os seus deveres de patriotas, ajudando a *União dos Atiradores Civis*, com meios para levar a effeito tudo o que ha de mais pratico em questões de defeza nacional.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Reconhecida como associação patriótica por decreto do ministerio da guerra de 13 de outubro de 1898

Sede official, Carreira de tiro em Pedrouços

(Esta revista é órgão official da União)

Parte official

Conselho Gerente

ACTA N.º 3

SESSÃO EM 22 DE JANEIRO DE 1899

Sendo 3 e meia horas da tarde, e presidindo o sr. dr. Cunha Bellem, com a assistencia dos srs. Anselmo de Souza, Eduardo de Noronha, Gil Dias, Pedro José Ferreira, Ignacio José Franco e J. Fraga Pery de Linde, secretario, foi aberta a sessão, na Carreira de Tiro.

Pelo secretario foi communicado ao conselho que a commissão executiva havia aprovado o programma do regulamento do grande certamen de Campionato, programma que o conselho approvou sem discussão e se mandou baixar á mesma commissão executiva, para que, ouvida a commissão technica, nos termos dos estatutos, lhe dê execução.

Communicou tambem o sr. Noronha, os trabalhos concernentes á realisacão do espectáculo em beneficio do cofre da União, resolvendo-se que a commissão já encarregada d'esses trabalhos, os continue, dando-lhe a orientação que melhor lhe pareça para os interesses sociaes.

E não havendo outro assumpto a tratar, foi encerrada a sessão ás 4 horas e meia.

O Secretario

J. Fraga Pery de Linde

Commissão Executiva

ACTA N.º 7

Sessão em 26 de Janeiro de 1899

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite na redacção de *O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Souza, Vieira da Silva Junior, Fraga Pery e E. de Noronha.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Foi admittido socio ordinario o sr. Eduardo Jayme Aldim.

O sr. Fraga Pery oferece ao cofre da Associação, o premio que lhe coube no 3.º torneio na importancia de 7425 réis, desejando que essa quantia se destine a premios que serão disputadas em torneio que se realice entre os alumnos das diversas escolas, subsidiados pela União.

O sr. presidente, em nome da Commissão e da União, agradece e aceita a offerta do sr. Fraga, notando que este cavalheiro sempre tem cedido todos os premios pecuniarios que lhe tem pertencido, propondo e sendo o approvado que por este facto se lançasse na acta, um voto de louvor.

O sr. presidente suscitou ainda os seguintes alvitres, que foram unanimemente approvados:

Pedir ao membro da commissão o sr. José Nunes Gonçalves, a amabilidade de se encarregar da confecção d'um pequeno folheto, onde se contemham os principaes topicos da instrução de tiro, folheto que, editado pela União, se distribuia gratuitamente aos alumnos subsidiados.

Que se pondere a conveniencia de se estabelecer na carreira, uma escola de tiro reduzido, como estimulo e começo de educação aos menores de 12 a 15 annos incompletos.

Não havendo mais assumptos a tratar, encerrou-se a sessão ás 10 horas.

O SECRETARIO

E. de Noronha

ACTA N.º 8.

Sessão em 29 de janeiro de 1892.

A's 2 horas da tarde na carreira de tiro, foi aberta a sessão estando presente os srs. Anselmo de Souza, José Nunes Gonçalves, Vieira da Silva Junior, Fraga Pery e E. de Noronha; assistiram tambem a esta sessão os srs. capitão Alberto Vergueiro, director da carreira de tiro, e Chrysogono Pinto, do Conselho Gerente.

Lida e approvada a acta da sessão anterior. Lido o officio de demissão do socio Manoel José de Magalhães, no qual declara ceder em favor da União o seu credito com a extincta Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

Lido o officio do Club Musical d'Amadores, offerecendo a sua sede

Sobre o officio do socio Magalhães, declara o sr. presidente que o offerecimento n'elle contido é meramente gratuito, por que o nome d'aquelle cavalheiro não figura na lista dos credores da extincta Associação d'Atiradores Civis Portuguezes. O sr. Fraga declara que tendo-se constituido a commissão technica sob a presidencia do sr. Maximiliano Herрман, e tendo lhe sido presente o programma do campeonato, a elle déra a sua unanime approvação.

O sr. presidente entregou este programma ao sr. director da Carreira que prometteu envial-o já informado e com a possivel urgencia, á approvação do Ministerio da Guerra.

O sr. Fraga declara que obteve do sr. ministro das Obras Publicas a adhesão em principio, ao pedido da União, para que na Carreira e a expensas da União recebessem a instrução de tiro, os alumnos da Real Casa Pia.

N'este sentido resolveu-se officiar ao director d'aquelle estabelecimento.

O sr. José Nunes Gonçalves accedendo ao pedido da Commissão e de accordo com o director da Carreira, declara encarregar-se da confecção do folheto de que trata a acta n.º 7.

Não havendo mais assumpto a tratar encerrou-se a sessão ás 3 horas da tarde.

O Secretario

Eduardo de Noronha.

CAÇA

Associação dos Caçadores Portuguezes

(Esta revista é órgão official da associação)

Parte Official

Assembléa geral

Sessão de 19 de Janeiro de 1899

Aos 19 de Janeiro de 1899 pelas nove horas da noite, reuniu a assembléa geral da Associação dos Caçadores Portuguezes, na

sua séde Praça de Camões n.º 46, 2.º, para a eleição de novos corpos gerentes, exame e approvação das contas da direcção, estando presentes quarenta e seis socios.

Achando-se vago o logar de presidente da mesa da assemblea geral, e não tendo comparecido o vice-presidente, nem nenhum dos secretarios, os socios presentes nomearam para presidir á assemblea o sr. Dionisio Freire e para secretarios os srs. José Alves Ribeiro Troni e Henrique Teixeira Homem de Brederode.

Lida a acta da sessão anterior, que foi approvada, ficou constituida a assemblea

O sr. presidente propoz se lançasse na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do sr. dr. Souza Martins, presidente da assemblea geral. Approvado.

Foi dada a palavra ao sr. dr. José Paulo Cancelli, presidente da direcção, que leu o relatório e apresentou as contas assignadas apenas por um dos membros do Conselho fiscal, declarando que o não tinha sidc pelos outros, por estes não terem apparecido.

Em seguida propoz á Assemblea, em nome da Direcção, que se consignasse na acta:

Um voto de agradecimento a Sua Magestade El-Rei pela honra que concedia á Associação, sendo seu presidente honorario.

Um voto de honra aos socios João Antonio da Cunha, Arthur Metello Vasques e José Alves Ribeiro Troni pelos serviços prestados á Associação.

Estas propostas foram votadas por aclamação.

O sr. João Antonio da Cunha pediu a palavra, mandando para a mesa a seguinte lista que foi votada por aclamação.

Meza da Assembléa Geral: Presidente, Manoel Figueira Freire da Camara. Vice presidente — Carlos Quintella (Farrobo). 1.º Secretario — Di Luiz da Cunha Menezes, 2.º Secretario — Arthur Carlos da Silva Freire. 1.º Vice Secretario — D. José Tiburcio do Carmo Noronha (Paraty). 2.º Vice Secretario — Leopoldo Rebello da Silva.

DIRECÇÃO

Effectivos—Presidente — dr. José Paulo Monteiro Cancelli. Vice presidente — Luiz Wasa Cesar d'Andrade. 1.º Secretario — dr. Henrique Anachoreta. 2.º Secretario — José Troni. The soureiro — Victorino da Silva Almada. Vogaes — João Pedro Fernandes, Arthur Metello Vasques. Supplentes — Joaquim Affonso dos Santos, Antonio Lino, Major Adriano de Figueiredo Viagas, Carlos Campos, dr. Duarte Pinto Coelho.

COMMISSÃO FISCAL

Effectivos—Presidente, dr. Luiz Horti e Costa. Vogaes, José Thomaz de Miranda e Costa, Gonçalo Heitor Ferreira.

Supplentes — Antonio Facco Leite da Cunha, Guilherme da Fonseca

COMMISSÃO DE PROPAGANDA

Dr. Francisco de Mello e Castro, Luiz Perestrello de Vasconcellos, D. Luiz Pinto de Serpa Coutinho (Balsemão), Constantino Palha, Gil Guedes Cabral (Foz), Jacintho Moreira Freire Aboim (Idanha), Gastão de Souza e Vasconcellos.

COMMISSÃO PROTECTORA

Commendador Jorge d'Almeida Lima, conde da Ribeira (D. Vicente), visconde de Balsemão, marquez do Fayal, José Pereira Palha Blanco, Emilio Infante da Camara, visconde da Varzea, José Maria dos Santos, Nuno Infante da Camara, José Rebello da Silva, conde de Prouença e Vella, visconde de Castello Novo.

O sr. Arthur Vasques propoz que as contas fossem approvadas ficando despensada a reunião de nova assemblea para esse fim.

Esta proposta foi approvada. Os srs. João Antonio da Cunha, Arthur Metello Vasquez e José Troni pedem a palavra e agradecem o voto de louvor que lhe tinha sido dado.

O sr. dr. Cancelli pede a palavra agradecendo a sua reeleição para o cargo de presidente da direcção e declara que o sr. Anselmo de Souza insistira para sahir da direcção, para que o seu logar fôsse preenchido por outro socio, não o demovendo d'este proposito os pedidos que lhe foram feitos.

O sr. Gonçalo Ferreira pede a palavra para mandar para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que sejam nomeados vogaes perpetuos da Direcção dos Caçadores Portuguezes os srs. dr. José Paulo Monteiro Cancelli, dr. Henrique de Carvalho Nunes da Silva Anachoreta e Anselmo de Souza em signal de reconhecimento de tantos exforços por elles prestados a tão util Associação, os quaes como seus principaes socios fundadores tem sido sempre incançaveis

para que esta hoje possa existir; honrando o seu nome e cumprindo sempre fielmente o fim para que foi instituída.

Esta proposta foi approvada.

Os srs. dr. José Paulo Cancellia, dr. Henrique Anachoreta e Anselmo de Souza pedem a palavra e agradecem a sua nomeação de vogaes perpetuos da direcção.

O sr. dr. Luiz Horta e Costa pede a palavra agradecendo a sua nomeação para o cargo para que foi eleito.

Não havendo outro assumpto a tratar o sr. Presidente levantou a sessão.

(a.) — *Dionisio Freire*
José Troni
Henrique Brederode

RELATORIO

SENHORES

For muito ardua a missão com que nos honrasteis de gerir os negocios da Associação dos Caçadores Portuguezes, desde a sua fundação inicial, mas, os mesmos embaraços que encontramos na criação d'esta instituição, estimularam-nos a supplantar as difficuldades e hoje entregamol-a organizada e crêmos que em boas condições de vida e de futuro.

Finda a nossa administração vimos hoje apresentar-vos as contas da nossa gerencia competentemente examinadas e approvada pelo conselho fiscal e illucidar-vos sobre os trabalhos em que empregámos não pouca vontade e deligencia, alguns dos quaes, pena é dizel-o, não estão ainda concluídos; mas confiamos para a sua conclusão na solicitude e dedicação dos nossos successores que encontram aplanado uma boa parte do caminho.

A confecção das posturas municipaes que regulam o exercicio da caça, foi um dos escolhos que mais nos embaraçou e ainda que encontramos sempre boa vontade no sr. ministro do reino e auxilio nos governadores civis dos diferentes districtos, não foi possível unifical-as por completo, havendo no entanto hoje, graças aos nossos esforços muito maior uniformidade. Mas, não é bastante o que está feito; em cada anno que decorre se torna mais urgente e necessaria a promulgação de uma lei geral sobre caça, que regule o seu exercicio, o transporte, a venda, facilite o repovoamento e que dê garantias ao caçador contra o abuzo. Este trabalho é um d'aquelles que iniciámos e deixamos em andamento.

As mesmas posturas deficientes como eram, não se conheciam e nunca se executavam, d'aqui nos proveio um espinhoso trabalho de propaganda do qual todos os caçadores colheram já os beneficios em 1898 e de que o futuro nos compensará sobejamente.

Neste serviço prestaram-nos relevante auxilio muitos administradores de concelho e presidentes de camaras municipaes; os guardas campestres começaram a receber ordens e alguns cumpriram-nas.

Mas estava prevista e logo se patenteou a falta de policia rural e avolumaram-se as difficuldades em fazer processar os delinquentes sempre protegidos pelo compadrio proverbial; então foi indispensavel recorrer ao auxilio da guarda fiscal, outra lucta que felizmente vencemos.

Encetámos tambem a propaganda junto dos proprietarios para não consentirem nas suas propriedades o emprego de roteiros e armadilhas para apanha da caça e felizmente o nosso pedido foi por muitos attendido, regiões ha em que este foi um dos principaes elementos de fiscalisação.

Conseguimos que pelo ministerio das obras publicas fossem dadas ordens aos chefes das estações dos caminhos de ferro para evitar o despacho de caça durante a véda; e aos cantoneiros para apprehender as armadilhas que transitam pelas estradas; alguns tem prestado bons serviços.

Ao alcance das nossas forças gratificámos os guardas de qualquer corporação e mesmo particulares que se tornaram por serviços prestados mercedores da nossa attenção; infelizmente os recursos não chegaram para contentar todos os que se salientaram no serviço do defezo e posteriormente nas apprehensões e rusgas; mas os que faltam, parece-nos, que deverão ser os primeiros contemplados na proxima epocha. Ao cuidado dos nossos successores deixamos este encargo.

Obtivemos que as licenças de porte d'arma passadas em qualquer concelho, continuassem a ser validas em todo o paiz, serviço que principalmente interessou os caçadores de Lisboa e Porto, mas que não deixa de aproveitar a todos.

Se fomos felizes em conseguir a extincção de grande numero de cães vadios; outros tantos

elementos perigosos de destruição da caça, o mesmo nos não succedeu com a uniformisação da taxa das licenças; mas sobre este assumpto estão ainda negociações pendentes, sobre tudo com a Camara Municipal de Lisboa.

A commissão que foi por nós encarregada de fiscalizar as apprehensões de caça apanhada em armadilhas teve muito bem desempenhado o seu mandato porque foram por sua intervenção feitas diferentes rusgas e todas com o melhor exito.

Deixámos preparada a nossa carreira de tiro a qual poderá inaugurar-se no mez de Março proximo futuro; não queremos encarecer o valor d'este beneficio mas todos os caçadores lhe conheciam a falta.

Desejámos construir o canil, mas ao nosso apello, não correspondeu a boa vontade dos nossos consocios e esse melhoramento que se tornava inutil, ficou para ser realizado em occasião oportuna.

Deligenciámos junto da Direcção dos Caminhos de Ferros Portuguezes obter vantagens para o transporte dos cães, bonus para grupos de caçadores e carruagens especiaes; mas, não conseguimos mais do que ter um ou dois compartimentos reservados em carruagens de 3.^a classe; pequeno como é o beneficio, a muitos tem aproveitado.

Empenhámo-nos tambem com as direcções das companhias de Carris de Ferro e Lusitana, conseguindo em parte os nossos desejos. Por proposta do nosso colega Anselmo de Souza iniciámos os trabalhos preparatorios de uma exposiçào de caça.

No uso da faculdade que nos dá o art.^o 16.^o dos estatutos d'esta agremiação conferimos medallhas, diplomas e menções honrosas, aos socios mais classificados no concurso internacional de tiro que se realisou por occasião do Centenario da India, no concurso annual do Club de Caçadores do Porto e no torneio da Porcalhota. Merecem n'este logar referencia especial os nossos consocios Gonçalo Heitor Ferreira, Dr. Jayme Ribeiro, Baptista de Sá, e Eduardo Jayme Aldim, que na maioria dos concursos tem patenteado valor como atiradores de subido merito.

Como elemento de distração e educação physica; que foi ao mesmo tempo augmento de receita e estimulo para a entrada de novos e prestimosos consocios, inauguramos as caçadas em sociedade, sempre coroadas de exito e nas quaes foram abatidas bastantes peças.

Afim de fazer face aos multiplices encargos de uma instituição do genero da nossa, fundámos um gremio que é por assim dizer a sede da Associação e pelo balanço de contas poderéis intear-vos de que a nossa expectativa não foi illudida; o rendimento da sede, foi até superior ao producto das quotas cobradas, e observando que estão por assim dizer pagas as despesas de installação, vereis que o rendimento da sede será de futuro o mais valioso recurso para equilibrar as despesas a fazer com os guardas, rusgas, apprehensões de caça etc.

Em nossa ultima sessão deliberámos solicitar da vossa justiça que fique consignado na acta da presente reunião de assembléa geral em voto de louvor aos nossos caros consocios e amigos João Antonio da Cunha, Arthur Metello Vasques e José Alves Ribeiro Troni; que com a sua dedicação e zelo têm sido incansaveis em radicar a prosperidade da nossa agremiação.

A's 500 communicações recebidas durante a nossa gerencia respondemos com 6923 officios e circulares cujas copias e minutas apresentamos ao vosso exame para vos convencer do valor da propaganda que encetámos.

Emfim terminamos agradecendo a honra que nos conferiram na assembléa geral fundadora da Associação dos Caçadores Portuguezes e como os nossos esforços, a nossa dedicação e boa vontade não foram bastantes para preencher os desejos de todos vós, pedimos desculpa das difficencias que encontrarem na nossa gerencia.

A DIRECÇÃO

José Paulo Monteiro Cancellia
Anselmo de Souza
Henrique Anachoreta
Luiz Wasa Cesar de Andrade
João Pedro Fernandes
Manoel Figueira Freire da Camara
Victorino da Silva Almada Junior

Direcção

SESSÃO DE 24 DE JANEIRO

Foram apresentados e realisou-se a posse dos novos directores.

A direcção deliberou em harmonia com o art. dos estatutos, em confirmar a resolução da direcção anterior sobre a readmissào de socios que tenham sido riscados por falta de pagamento de quotas, continuando a entender-se que apenas

se consideram ausentes, os socios que sahirem para fóra do paiz.

Estabelecidas definitivamente as tabellas dos jogos do bluff, wist bridryek e voltarete.

Verificaram-se as contas da thezouraria e pelo sr. Fernandes, foi entregue o saldo em caixa ao novo thezoureiro, sr. Almada.

Foi resolvido que as sessões de direcção se effectuassem ás quartas feiras.

Mappa de receita e despeza durante o exercicio e gerencia de 23 de março de 1897 a 31 de dezembro de 1898

RECEITA

Credores diversos (membros da direcção)	487\$280	
Diplomas	164\$000	
Caçadas	323\$550	
Quotas	1.126\$490	
Rendimento da sede	1.206\$025	3.307\$345

Em cobrança

Diplomas	15\$000	
Quotas	105\$900	
Rendimento da sede	56\$600	177\$500

3.484\$845

DESPESA

Defezo, 1897	176\$500	
em 1898	405\$845	582\$345
Movéis e utensilios	742\$665	
Caçadas	296\$520	
Gastos geraes	1.451\$265	
		3.072\$795

Balanço de contas:		
Em caixa saldo	234\$550	
Em cobrança	177\$500	3.484\$845

Saldo que passa para o anno de 1899 412\$050
Lisboa e Sede da Associação, 31 de Dezembro de 1898.

O Conselho fiscal. — *G. Heitor Ferreira*.
Pela Direcção. O PRESIDENTE. — *José Paulo Monteiro Cancellia*. O SECRETARIO. — *Henrique Anachoreta*.

VELOCIPEDIA

O Touring-Club de França—Exemplo e estimulo ás associações cyclistas portuguezas—Progresso de velocidade nos records em pista—O anno hippophobico—Corridas na Alemanha em 1898—Numerosos e importantes premios—Corrida de 24 horas em Nova-York—Um caso sem precedentes.

NENHUM dos leitores d'esta secção ignora decerto a existencia da poderosa associação cyclista franceza denominada *Touring-Club*; mas o que talvez nem todos saibam é que essa associação, consagrada á causa velocipedica, tem actualmente uma influencia enorme, conta entre os seus associados os nomes mais distinctos da França, e recebe constantemente dos poderes publicos d'aquelle paiz as mais inequivocas provas de consideração e deferencia.

Para que de algum modo se avalie o que é o *Touring-Club*, daremos a seu respeito algumas informações que reputamos curiosas, e dignas de serem ponderadas por quantos se interessam por assumptos associativos, principalmente em relação a associações cyclistas.

Em todas as grandes commissões nomeadas pelo governo francez para estudar e proporem reformas concernentes a assumptos de educação physica, obras publicas ou viação, o *Touring-Club* tem sempre o seu logar, sendo solicitado para se fazer representar n'essas commissões.

O seu actual presidente, M. Bøllif, tem sido convocado para fazer parte, successi-

vamente, da comissão de circulação, da comissão dos exercícos physicos na exposição de 1900, dos comités de admisión para as obras publicas, da comissão dos congressos, da comissão superior de ensino physico, do comité consultivo da circulação etc.

Só por si é isto o bastante para demonstrar o elevado gráu de apreço em que são tidos pelo governo francez os trabalhos e os esforços do *Touring*, no louvavel empenho de conseguir quantos melhoramentos se possam desejar, que facilitem a acção, o movimento e o exercicio.

O *Touring-Club* tem publicado desde a sua fundação uma infinidade de itinerarios, cartas, guias etc., contribuindo assim poderosamente para desenvolver o gosto e facilitar a realisação das viagens e digressões. E' por isso que o cyclista francez se encontra presentemente habilitado a percorrer todo o seu paiz, e a admirar-o e estudal-o em todas as suas minucias, e não só o seu paiz, como tambem aquelles que lhe ficam limitrophes.

Não é pois sómente uma associação cyclista, o *Touring Club*; é tambem uma associação eminentemente patriótica. E tanto basta para explicar e justificar a consideração official em que é tida.

Quanto á sua situação financeira é ella extremamente prospera. Para o provar bastará dizer que o total das receitas inscriptas no seu orçamento do corrente anno é de 641.020 francos (128:204\$000 réis, computando o franco em 200 réis, valor muito inferior ao que tem pelo cambio actual) e as despesas sommam 512.960 francos (102:592\$000 réis) havendo portanto um saldo positivo de 128.060 francos (25:612\$000 réis).

O presidente do *Touring Club*, M. Ballif, foi ultimamente nomeado cavalleiro da Legião de honra. Assignando o respectivo decreto, o presidente da republica não teve em vista honrar individualmente o agraciado, mas sim testemunhar á collectividade a que elle preside o reconhecimento que lhe devem os poderes publicos, pelos importantes serviços que ella tem prestado á França, collaborando activa e desinteressadamente nos progressos da educação physica, na transformação e embelezamento das estradas, na reforma dos regulamentos administrativos que se não conformam com as exigencias contemporaneas, e emfim em muitas outras obras e empreendimentos de real interesse e importancia.

Bem sabemos que em Portugal nunca as associações cyclistas attingirão o gráu de prosperidade e grandeza a que chegou o *Touring-Club* de França, mercê não só das zelosas, incançaveis e intelligentes direcções que tem sempre tido, como tambem do apreço e sympathia que a bicycleta merece aos francezes, que a consideram em geral como um dos melhores meios de dar aos jovens que a praticam a firmeza de vontade, a iniciativa, o amor das viagens e a confiança em si proprios. Entre nós poucos são os que bem comprehendem o valor da associação, e as enormes vantagens que d'ella derivam; escasseiam os *carolans* que se consagram aos interesses d'essas collectividades com a dedicação sem treguas nem desalentos que ellas exigem; e além de tudo isto, que já não é pouco, o cyclismo é ainda hoje considerado, talvez pela maioria das pessoas, como uma futilidade simplesmente ridicula, a que não vale a pena prestar attenção. Mas a verdade é que, apesar da indifferença de uns e da hostilidade aggressiva de outros, ape-

sar das difficuldades e embaraços de toda a ordem com que teriam a lutar, as nossas associações cyclistas poderiam, com um pouco mais de boa vontade, contribuir para os interesses da causa velocipedica muito mais do que tem feito até agora, e que entretanto — é justiça confessal-o — não tem sido pouco em relação ás condições do meio em que vivemos.

E' por isso que julgámos opportuno e conveniente pôr ante os olhos dos nossos leitores que se acham filiados n'essas associações, o exemplo — que será decerto um estímulo — do *Touring-Club* de França.

São innegavelmente surprehendedos os resultados que, no ponto de vista da rapidez, successivamente tem alcançado a soberana bicycleta. Dado o constante empenho com que os fabricantes procuram aperfeiçoar a construção das suas machinas, tornando-as cada vez mais leves e de mais facil e suave andamento, e o natural estímulo com que os corredores diligenciaem supplantar os seus rivaes, obrando novos prodígios de celeridade mais extraordinarios e admiraveis que os precedentes, difficil se torna prever até onde esses resultados poderão chegar, qual será emfim o termo d'essa lucta tão renhida.

Os progressos de velocidade nos recordos cyclistas em pista são realmente assombrosos. Para o provar bastará o confronto entre os tempos consumidos no percurso das mesmas distancias no anno de 1884, em que taes recordos foram officialmente estabelecidos, e no ultimo anno de 1898. Offerecemos para isso aos nossos leitores o seguinte quadro comparativo, com relação a sete recordos classicos, indo n'elle as distancias referidas á unidade de milha, por não ter importancia, no anno de 1884, o recordo kilometrico. São esses sete recordos os de $\frac{1}{4}$ milha e 1 milha (partida com impulso) e 5, 10, 25, 50 e 100 milhas (partida sem impulso).

Distancia	Tem. ^o em 1884	Tem. ^o em 1898
$\frac{1}{4}$ milha		
402 m. 33	35 s. $\frac{2}{5}$	22 s. $\frac{2}{5}$
1 milha		
1.609 m. 32	2 m. 41 s. $\frac{2}{5}$	1 m. 31 s. $\frac{4}{5}$
5 milhas		
8.046 m. 60	14 m. 18 s.	8 m. 22 s. $\frac{4}{5}$
10 milhas		
16 k. 093 m.	29 m. 30 s. $\frac{2}{5}$	17 m. 11 s. $\frac{2}{5}$
25 milhas		
40 k. 233 m.	1 h. 10 m. 41 s. $\frac{1}{5}$	44 m. 18 s. $\frac{4}{5}$
50 milhas		
80 k. 466 m.	2 h. 43 m. 55 s.	1 h. 33 m. 29 s. $\frac{3}{5}$
100 milhas		
160 k. 932 m.	5 h. 50 m. 5 s. $\frac{2}{5}$	3 h. 11 m. 1 s. $\frac{1}{5}$

Diminuiu, portanto, o tempo, no recordo do quarto de milha, 13 segundos sobre 35, ou sejam 37 por cento.

Na milha 70 segundos sobre 161, ou sejam 43 por cento.

As 5 milhas avançaram 6 minutos sobre 14, o que equivale a 43 por cento.

As 10 milhas 12 minutos em 29, ou 42 por cento.

As 25 milhas 26 minutos em 70 ou 37 por cento.

As 50 milhas 70 minutos em 163, ou 42 por cento.

As 100 milhas 159 minutos em 350, ou 45 por cento.

E' pois constante e quasi igual a progressão, porquanto, dos 7 recordos mencionados, em 5 essa progressão oscilla entre 42 e 45 por cento.

Com o titulo *O anno hippophobico* publicou *Le Velo* uma estatística das mortes e

ferimentos de que em França foram causadores os cavallos no anno proximo passado. Essa estatística é a seguinte:

Em janeiro...	29 mortos e	337 feridos
« fevereiro.	58 « «	637 «
« março...	34 « «	427 «
« abril....	43 « «	602 «
« maio....	32 « «	395 «
« junho....	31 « «	385 «
« julho....	46 « «	512 «
« agosto..	31 « «	402 «
« setembro.	30 « «	387 «
« outubro..	29 « «	408 «
« novembro	31 « «	343 «
« dezembro.	29 « «	498 «

Total..... 423 mortos e 5:333 feridos

E' claro que em o numero dos accidentes que a estatística precedente menciona, faltam de certo muitos, que apenas consistiram em contusões insignificantes, e que por isso se não tornaram do dominio da imprensa. Ora os desastres a que o cyclismo dá causa são rarissimos, e mais raros ainda os de consequencias funestas. Portanto, n'este ponto de vista, é innegavel a superioridade do cyclo sobre o cavallo.

Longe de estarmos atacados de *hippohobia*, temos até no maior apreço os grandes serviços que o nobre animal presta ao homem, serviços de tal ordem que em certos casos o tornarão sempre insubstituível, não obstante o progresso, com a viação a vapor, o velocipede, e por ultimo o automovel, tornar cada vez mais restricta a esphera da sua utilidade. Por isso, reproduzindo a estatística acima, temos unicamente em vista dar uma resposta aos adversarios do cyclismo, que tão frequentemente o combatem como perigoso, principalmente para aquelles que o cultivam.

No anno proximo passado a Allemanha foi, por assim dizermos, a terra de promissão dos corredores cyclistas, que n'ella encontraram o maná dos mais abundantes e valiosos premios que poderiam ambicionar. Segundo vemos n'uma estatística publicada n'um jornal estrangeiro, os amadores receberam n'esse paiz nada menos de 2.672 objectos de arte, emquanto que aos profissionais foram distribuidos em premios pecuniarios 232.075 marcos, ou sejam réis 52.216\$875 da nossa moeda, computando o valor do marco, ao par, em 225 réis. Cumpre advertir que n'esta importancia não estão comprehendidos os premios particulares, não mencionados nos programas das corridas, e que tambem devem ter sido avultados.

Circunstancia digna de menção: — foram os amadores que alcançaram maior numero de triumphos, e á frente de todos Paulo Alberto, classificado 50 vezes primeiro, 15 segundo e 5 terceiro, tanto em bicycleta como em *tandem*. A este corredor segue-se Ludwig Opel, segundo no campeonato do mundo, em que o primeiro foi Alberto, e que obteve 41 classificações em primeiro logar, 11 em segundo e 4 em terceiro.

Dos profissionais foi Arend o que obteve maior numero de victorias, em corridas mais ou menos importantes, e o que ganhou mais dinheiro. Os seus premios ascendem á bonita somma de 12.200 marcos, que equivalem a 2:745\$000 réis em moeda portugueza.

Entre os estrangeiros que tomaram parte em corridas na Allemanha contam-se: 38 corredores francezes, 30 belgas, 24 austriacos, 14 hollandezes, 11 dinamarquezes,

11 suíços, 5 inglezes, 5 russos, 3 americanos, 1 luxemburguez, 1 norueguez e 1 portuguez. Ignoramos, e não o diz o jornal onde colhem estes dados, quem fosse este nosso compatriota.

Vê-se, pois, que foram os francezes os que em maior numero disputaram os marcos aos campeões allemães. Não sabemos se seriam levados a isso sómente por um prurido de *revanche* no campo do cyclismo, enquanto não chega a hora de a tirarem no campo da batalha, se pelo desejo de embolsarem algumas sommas tentadoras, o que também não seria para admirar, attendendo a que, como dizia o nosso lyrico João de Deus,

O dinheiro é tão bonito,
Tão bonito, o maganão!

Parece que os corredores profissionaes allemães não são de grande força, pois que a maioria das vezes que no anno findo tiveram de competir com estrangeiros, foram excluidos das finais. Em compensação a Allemanha possui dois amadores de primeira plana, tidos como muito superiores aos amadores de todas as outras nações.

De 6 a 7 de janeiro ultimo, na pista de Madison Square, em Nova-York, effectuouse uma corrida de 24 horas em que tomaram parte Miller, Waller, Pierce, Frederick, Teddy-Hale, Gimms, Franck Albert, Stevens, Nown, Julius, Lawson, Aronson, Ashinger, Hicks, Pilkington e Ellevick, todos estes concorrentes da memoravel prova de seis dias, o que excitou extraordinariamente a curiosidade do publico, ancioso de saber quem sahiria vencedor n'esta nova lucta.

O signal da partida foi dado ás 10 horas da noite de 6. Ao fim de 12 horas, isto é, a meio da corrida, Frederico, mostrando achar-se em magnificas disposições e na sua melhor fórma, mantinha a dianteira, tendo cobrido 384 k. 627 m. A partir d'esta hora alguns dos corredores desistem successivamente, mas os cinco que vão á frente, e que são, pela ordem por que os indicamos, Frederick, Pierce, Turville, Gimms e Stevens, sustentam a lucta por forma a tornar duvidoso o resultado. No ultimo quarto de hora são elles os unicos que disputam a corrida, mas é debalde que cada um tenta distanciar-se dos seus adversarios. A lucta, sempre renhida, foi esplendida na embalagem final, sendo os corredores phreneticamente applaudidos. O vencedor foi Gimms, sendo o 2.º Pierce, a 15 centimetros de distancia, o 3.º Turville a 30 centimetros do 2.º e o 4.º Frederico a 91 centimetros do 3.º.

Eis o resultado com as distancias percorridas:

1.º Gimms	} 724 kil. 194 m.
2.º Pierce	
3.º Turville	
4.º Frederick	
5.º Lawson	724 kil. 15 m.
6.º Julius	703 kil. 272 m.
7.º Teddy Hale	696 kil. 835 m.
8.º Miller	679 kil. 132 m.

Não ha memoria de outra corrida velocipedica em que se desse o caso succedido n'esta — o da chegada simultanea de quatro corredores. É realmente extraordinario que, durante vinte e quatro horas de lucta, nenhum d'estes quatro adversarios conseguisse distanciar-se dos outros ao menos uma volta de pista, e que se batessem, afinal, em plena embalagem, por 15, 30 e 91 centimetros, como se se tratasse de uma pequena corrida de velocidade.

Foi isto principalmente que entusiasmou os espectadores, e quem sabe o que são corridas velocipedicas decerto achará justificado esse entusiasmo.

MAGALHÃES FONSECA.

TAUROMACHIA

Na ilha Terceira, a terra onde existem mais *aficionados*, as autoridades locais não descuram também a boa ordem e segurança nas praças de touros, ou nos sitios onde se correm estes animaes.

Outro tanto, infelizmente, não succede no continente, sendo para lastimar que havendo regulamentos para os theatros não os haja para as praças de touros; assim é que, no sumptuoso circo do Campo Pequeno nem rempre decorrem os espectaculos como devem, havendo deficiencias no serviço d'arena, e outras irregularidades, que nas diferentes praças de Hespanha, *que tem regulamentos officiaes*, são energeticamente evitadas.

O unico regulamento que existe no nosso primeiro *redondel* é... provisorio desde 1892, quando de ha muito devia esiar substituido por outro mais official isto é sancionado pelo digno governador civil.

Porém, enquanto não se cumpre com este dever vamos apontar ás autoridades d'aqui, com a transcripção do que segue, a forma de preencher uma grande lacuna:

Regulamento para as praças tauromachicas, e corridas de touros presos em corda

ANTONIO Marianno da Silva Sarmento, governador civil substituto do districto administrativo d'Angra do Heroismo.

Usando das attribuições que me conferem os n.ºs 1.º e 6.º do artigo 251.º do Codigoo Administrativo, tenho por conveniente aprovar para que se possa tornar axecutorio, depois de devidamente publicado, o regulamento para as Praças tauromachicas e corridas de touros presos em corda, do 1.º do corrente mez, elaborado pelo commissario de policia d'este districto.

Governo civil d'Angra do Heroismo, 10 d'outubro de 1896. — Antonio Marianno da Silva Sarmento.

Art.º 1.º

Os empresarios ou promotores de quaesquer espectaculos realisados nas actuaes Praças denominadas do *Espirito Santo* e de *S. João*, ou outras quaesquer que estas substituíam ou se estabeleçam de novo, são obrigados: — 1.º a tirar previamente a respectiva licença, como determina o art.º 251 n.º 6 do codigo administrativo de 4 de maio do corrente anno, sujeitando-se a quaesquer condições que na mesma licença forem impostas; 2.º antes de afixar os respectivos cartazes e distribuir programmas para os mesmos espectaculos, a apresentar um exemplar á auctoridade policial, sem o que não poderá realisar-se o espectáculo; 3.º a declarar sempre nos programmas os nomes dos artistas que tiverem de trabalhar, o numero de touros destinados á lide, assim como a classificação dos logares da Praça e seus preços.

Art.º 2.º

Qualquer alteração a fazer-se nos programmas publicdos, será previamente communicada á auctoridade respectiva, sendo depois afixados contra-annuncios nos logares mais publicos da cidade, pelo menos 4 horas antes do começo dos espectaculos, salvo caso de força maior, devidamente comprovado perante a mesma auctoridade.

§ 1.º — No acto do espectáculo não poderá tomar parte no mesmo, sem previa concessão da auctoridade, algum outro individuo além dos annunciados.

§ 2.º Quando por qualquer motivo tenha de ser transferido qualquer espectáculo annunciado, será tal resolução communicada immediatamente á auctoridade competente, afixando-se em seguida também os respectivos contra-annuncios.

Art.º 3.º

Os promotores de quaesquer espectaculos prestarão logares especiaes da Praça para as forças, tanto policial como militar, que a auctoridade julgar necessaria para a manutenção da boa ordem, que não poderão ser occupados por individuos extranhos ás referidas forças, obrigando-se igualmente pelas respectivas gratificações.

Art.º 4.º

É expressamente prohibido admittir na Praça, maior numero de espectadores, além dos que comportar a lotação da mesma, que será previamente verificada pela auctoridade competente.

Art.º 5.º

Os promotores ou empresarios de quaesquer espectaculos são obrigados a fazer regar a arena, de forma que não levante pó que incommode os espectadores, para o que deverão ter dentro da Praça, um deposito com agua sufficiente para tal fim, podendo a auctoridade policial fazel-a novamente regar, sempre que o julgue necessario.

§ unico — Deverão também conservar a arena sempre limpa e desembaraçada, aproveitando para esse serviço o intervalo d'um a outro touro.

Art.º 6.º

Para boa ordem publica e do proprio espectáculo, é expressamente prohibido a qualquer espectador: 1.º damnificar a construcção da Praça por qualquer forma que seja; 2.º arremessar para a arena qualquer objecto com o intuito de offender algum dos individuos que tome parte no espectáculo; 3.º dirigir a qualquer que seja expressões insultuosas ou deshonestas; 4.º perturbar a ordem publica de qualquer maneira; 5.º saltar á arena ou trincheira, não só durante a lide mas também finda esta; 6.º conservar-se de pé nas bancadas ou com guarda-sós abertos, e encostar-se ou assentar-se nas barreiras durante a lide, ou por qualquer outro modo impedir que os demais espectadores gosem do espectáculo; 7.º lançar mão ás farpas ou galhos de qualquer touro que passe junto á barreira 8.º fazer-se acompanhar de cães no recinto da Praça.

Art.º 7.º

É igualmente prohibido dar pateada nos camarotes.

Art.º 8.º

Só é permitida a entrada de cadeiras para os respectivos camarotes, até uma hora antes da indicada para a entrada dos espectadores, e só devendo ser retiradas, meia hora depois de findo o espectáculo.

Art.º 9.º

Os promotores ou empresarios de espectaculos tauromachicos deverão ter sempre de prevençao um cabo proprio para laçar qualquer touro, quando d'outra forma não seja possivel fazel-o recolher ao toiril.

Art.º 10.º

Deverão também os mesmos promotores ou empresarios ter no recinto da Praça os aprestes e medicamentos que forem indicados pelo Commissario de Policia, para acudir a qualquer accidente, sendo sempre de prevençao um medico para tal fim.

Art.º 11.º

Os promotores de corridas de touros presos em corda, são igualmente obrigados a tirar previamente a respectiva licença, como precieitua o já indicado art.º 251 n.º 6 do Cod. Adm.º de 4 de maio do corrente anno, obrigando-se a cumprir todas as condições que na mesma licença lhe forem impostas.

§ 1.º Ficam igualmente obrigados a pagarem todos os prejuizos tanto na via publica como em qualquer edificação publica ou particular, a que as mencionadas corridas derem causa.

§ 2.º São também obrigados a pagar, nos termos das respectivas tabellans, ás forças, tanto policial como militar que a auctoridade julgar indispensaveis para em taes espectaculos manterem a ordem publica, prestando á força policial os meios de conducção, sempre que qualquer ponto determinado para as corridas, exceda a 3 kilometros do centro da cidade.

Art.º 12.º

É expressamente prohibido em taes espectaculos: cortar a corda em que qualquer touro se ache preso; ferir com chopa ou outro ferro identico, ou finalmente maltratar os touros de qualquer fórma.

Art.º 13.º

Os contraventores das disposições acima de-
terminadas serão autuados por desobediencia,
podendo ser presos em flagrante delicto.

Commissariado de Policia em Angra do Hero-
ismo, 1.º de outubro de 1896.

O Commissario de Policia,

José M. d'AMARAL.

Oxalá o nosso appello tenha echo nas
regiões officaes, porque um assumpto de
tão inadivavel urgencia não deve ficar tão
abandonado como até aqui, o que repre-
senta um prejuizo para o publico em ge-
ral, e para os *aficionados* em particular.

E. d'A.

DIVERSAS

Fallecimento

No dia 22 do mez findo, falleceu a ex.^{ma}
sr.^a D. Carlota de Mello Pereira de Chel-
micki, estremósa mãe dos nossos bons ami-
gos e assignantes, os srs. José Ignacio de
Mello Pereira Vasconcellos digno tenente
coronel do regimento n.º 7 de infantaria e

João Carlos de Mello Pereira Vasconcellos
digno major de infantaria e promotor nos
conselhos de guerra da primeira divisão.

Aos nossos amigos e suas familias os
nossos pèzames pelo profundo golpe que
soffreram.

**Asylo Profissional do Terço
da Cidade do Porto**

O sr. Delfim de Lima dignissimo presidente
da Comissão Administrativa d'este asylo,
requereu e obteve pelo Ministerio do
Reino a cedencia de 90 espingardas e respecti-
vos sabres e correame, dos que pertenciam aos
antigos batalhões escolares de Lisboa.

Os alumnos d'aquelle asylo, para que ellas são
destinadas, têm instrucção e organização mili-
tar, fazendo guardas e todo o serviço interno
como n'um quartel

Louvamos o digno director d'aquella casa de
educação, e abrigo, para rapazes sem amparo,
pela dedicação, e boa orientação que alli tem
implantado, que de resto nem outra coiza era
de esperar.

Só lastimamos que as espingardas que a Ca-
mara Municipal de Lisboa comprou para as es-
colas primarias officaes d'esta cidade, sirvam
para todos menos para estes a quem ellas per-
tenciam Continua-se a pagar uns poucos de
contos de réis por anno, a instructores que es-
tão com cincoenta por cento dos vencimentos,
sem que nada se aproveite de todo este desper-
dido de dinheiro, quando, é nossa opinião,

tudo podia voltar a estar, como d'antes, sem au-
mento de despeza.

Mas os batalhões escolares foram suprimidos
por... economia!

Carne de veado

Em alguns estabelecimentos de Lisboa, tem
estado exposta á venda esta sáberosís-
sima carne, que é vendida por bom pre-
ço, tendo sido muito procurada.

Alguas das rezes teem sido mortas pelo sr.
D. Caetano de Bragança, na sua propriedade da
Torre Bella; um dos ultimos alli mortos pezou
105 kilos; era um bonito bicho.

SUMMARIO

Centenario de Garrett. — O Caçador do *Romanceiro de Gar-
rett*. — *No Centenario de Garrett*, por BULHÃO
PATO. — *Garrett*, por FERNANDES COSTA. — *Nascimento do
poeta*, por GOMES D'AMORIM. — *Garrett*, hospede de Her-
culano, *Na vida intima*, e *Na tribuna*, por BULHÃO PATO.
— *Ultimos dias e morte*, por GOMES D'AMORIM. — *No Ce-
miterio* — discurso de REBELLO DA SILVA. — *Camões e
Garrett*, por PINHEIRO CHAGAS. — *Viagens na minha terra*,
por ZACHARIAS D'ÁÇA. — Tiro Nacional. — União dos Atri-
dores Civis, Conselho Gerente e Commissão Executiva. —
Associação dos Caçadores Portuguezes. Assembléa Ge-
ral, Relatorio, Contas e Direcção. — *Velocipedia*, por MA-
GALHÃES FONSECA. — *Tauromachia*, por E. d'A. — Fal-
lecimento. — Asylo Profissional do Terço da Cidade do
Porto. — Carne de veado. — Anuncios.

GRAVURAS

Almeida Garrett. — Dos-Cinco sentidos-facci-mite.

TRICYCLES PARA CREAÇAS

De 4 a 12 annos †

O velocipede é o melhor divertimento
para as creanças

Com um velocipede obtem-se das creanças
o que se quer

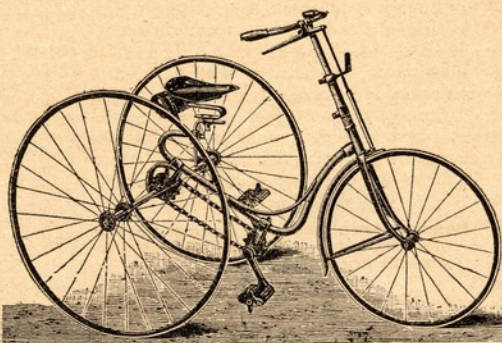
A offerta d'um velocipede prepara as
creanças a todas as combinações tentendes
á humildade e amizade a seus superiores.

Unico deposito-CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52

(AVENIDA DA LIBERDADE)

— LISBOA —



JOÃO VAZ DA COSTA
CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES
Fornecedor do Estado
e Camaras Municipaes
142, Rua do Bemfornoso, 148
LISBOA

CASA COLUMBIA

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford
da celebre fabrica Pope & C.^a, New York, America.
Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1.000
réis semanas.
Ensino, aluguer e reparações em todos os systemas de
bicyclettes.
Completo sortimento de accessorios. As magnificas cor-
netas Espanta cães.

25, Rua Garrett (Chiado), 27

CASA COLUMBIA



CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como
em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela no-
breza, pelo clero e pelo povo. Nem podia
deixar de ser assim, desde que se sabe
que a sua reputação é universal e que
nenhuma outra bicycleta a eguala em
elegancia, perfeição, leveza, rolamentos
e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se
querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de es-
trada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140
kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycle-
tes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



CYCLEDOR

JOSÉ D'OREY & C.^{TA}

Unicos agentes em Portugal
das celebres bicycletas Peugeot, bicycletas que maior numero
de primeiros premios tem ganho em Portugal

DEPOSITO DE VELOCIPEDES E SEUS ACCESSORIOS

Artigos de Sport

LAWN TENNIS E MAIS JOGOS ATHLETICOS

Avenida Palace: - Rua do Principe

Endereço telegraphico — CYCLEDOR

LIVRARIA FERREIRA

FUN. ADA EM 1869 POR MANUEL JOSÉ FERREIRA

ACTUAES PROPRIETARIOS

Manuel José Ferreira, successores

132, 134, Rua Aurea, 136, 138

LISBOA

Grande sortimento em livros de missa e
semana santa. Livros para os cursos superiores
e primarios. Livros juridicos e de ciencias,
nacionais e estrangeiros.

Correspondencia directa com os principaes
centros literarios do mundo.

Assignatura para todos os jornaes estran-
geiros, de sport, modas, scientificos, littera-
rios, theatro, etc.

Satisfazem-se todas as encomendas com a
maxima brevidade.

AOS CAÇADORES

EXCURSIONISTAS

Conservas — (pickles)

MOSTARDA PREPARADA

FABRICA M. A. BRITO

Pedir em todas as mercearias
e confeitarias

AGENCIA HAVAS

Recebe annuncios para
esta revista. Rua do
Ouro, 30.

ALBUNS PARA SELLOS

A 200, 240, 300, 350, 600 e 1\$000 réis e grandes, completos a 3\$000 réis.

SELLOS PARA COLLECÇÕES

Ha o maior sortimento a preços convidativos, e pacotes a 20, 30, 50, 100, 150, 250, 300, 400, 500, 1\$000 réis e mais preços.

F. A. MARTINS

Praça Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Agua de la Margarita

EM LOECHES
(MARCA REGISTRADA)
50 Anos de exito

Anti-biliosa, anti-escurfulosa, anti-herpetica, anti-syphilitica, anti-parasitaria e muito reconstituinte. Premiada com as mais altas recompensas em todas as exposições. O melhor purgante conhecido.

Vende-se em todas as farmacias e drogarias e no deposito unico — Rua do Alecrim, 12. Sub agencia no Porto, Rua de D. Pedro, 32, 1.º

VINHO ROCHEIRA

Velho (1896) especial para doentes, series de 12 garrafas. 1\$200

Novo (1898) series de 12 garrafas. 1\$080

Vinagre natural de vinho branco. 70

Azeite especial superior de C. Branco, e do Escuro litro. 320

Dito velho finissimo de Santarem, litro. 340

Vinhos superiores do Porto e Madeira.

Aguardente velha de vinho. Emprestam-se todas as vasilhas. — Porte "gratis". — Requisições por bilhete postal, a

A. Andrade & C.ª

Rua Serpa Pinto, 30 — LISBOA

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis conchês para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

Peitoral de Cambará

Remedio garantido para todas as affecções pulmonares, bronchites, asthma, coqueluche, rouquidão e qualquer tosse.

Vende-se por 900 réis cada frasco no deposito, drogaria Ribeiro da Costa & C.ª, 150, rua do Arsenal, 152, e em todas as farmacias.

Caçadas Portuguezas

Paizagens — Figuras do Campo

POR

ZACHARIAS D'ÁÇA

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias

MEMORIAS

DE

José Joaquim Peixinho

POR

EGYDIO D'ALMEIDA

Biographia e apontamentos tirados das memorias particulares do fallecido e notavel toureiro portuguez.

PREÇO 400 RÉIS

A' venda em todas as tabacarias e kiosques

Agenda do Sportsman

POR

L. Andrade e H. Anachoreta

Propriedade da Associação dos Caçadores Portuguezes

Agenda interessante para os amadores de caça, taumachia e velopedia.

Preço 100 réis

Dirigir pedidos para a Praça de Luiz de Camões, 46, 2.º

OS VOMITOS, ASIAS, ARPORES, más digestões, fastio, firtulencias, agua da bocca, billis, peso e dores de estomago, de cintura, costas e intestinos, desaparecem logo com

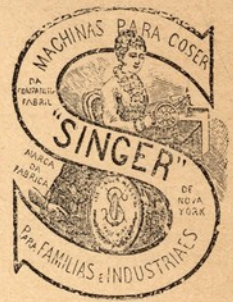
ESTOMAGO ARTIFICIAL

o uso dos PÓS DO DR. KUNTZ.

CURANDO EM POUCOS DIAS as dispesias, catarrhos e embaraços gastricos, como diariamente o certificam bastantes agradecidos. Caixa 1\$500 réis, correio 1\$600, nas principaes farmacias e nos DEPOSITOS: Deposito geral, pharmacia Continental; na pharmacia e drogaria Peninsular; pharmacia Azevedo, Rocio, No Porto, pharmacia Rica e Moreno; Caminha, drogaria Villaça; Elvas, pharmacia Central; Figueira, pharmacia Sotero; Portalegre, pharmacia Carrapato; Covilhã, A. Franco; Lagos, pharmacia Associação Maritima. Enviaem-se franco de porte, folhetos descriptivos.

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES



POR 500 RÉIS SEMANAES

105, PRAÇA DO LORETO, 107

LISBOA

ROS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armas de St. Etienne — França.

Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura

T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56
LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Para S. Miguel,
Terceira, Graciosa (Santa Cruz),
S. Jorge (Calheta),
Caes do Pico, Fayal, Flôres
e Corvo

Sae o vapor **Açôr**, commandante Manoel Cazimiro Pacheco, no dia 5 de Fevereiro ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaut.